

A entrevista na pesquisa em alimentação e comensalidade

The interview in the research on food and commensality

La entrevista en la investigación sobre alimentación y comensalidad

DOI: <https://doi.org/10.70051/mangt.v4i2.64993>

Joana Pellerano | joanapellerano@comidanacabeca.com

<https://orcid.org/0000-0001-7266-1500>

Centro Universitário Senac (SENAC SP), Campos de Jordão, SP, Brasil



Recebimento do artigo: 26-julho-2024

Aceite: 26-novembro-2024

PELLERANO, J. A entrevista na pesquisa em alimentação e comensalidade.

Revista Mangút: Conexões Gastronômicas. ISSN 2763-9029. Rio de Janeiro, v. 4, n.2, p. 214-228, dez. 2024.

RESUMO

O objetivo do trabalho é discutir o uso da entrevista social nas pesquisas em alimentação e comensalidade, localizando as situações em que essa é a melhor escolha metodológica. Para tanto, a metodologia adotada é uma pesquisa bibliográfica a partir da qual analisamos as particularidades da entrevista não apenas como uma técnica, mas como uma relação social a partir da qual podemos levantar dados de pesquisa, além de abordarmos as necessidades de pesquisa no campo da alimentação que esse método atende.

Palavras-chaves: Gastronomia; Pesquisa; Metodologia; Entrevista; Comensalidade.

ABSTRACT

This paper aims to discuss the use of social interviews in research on food and commensality, locating the situations in which this is the best methodological choice. To this end, the methodology adopted is a bibliographical research from which we analyze the particularities of the interview not only as a technique, but as a social relationship from which we can collect research data, in addition to addressing the research needs in the field of food studies that this method meets.

Keywords: Gastronomy; Research; Methodology; Interview; Commensality.

RESUMEN

El objetivo del trabajo es discutir el uso de entrevistas sociales en investigaciones sobre alimentación y comensalidad, localizando las situaciones en las que esta es la mejor opción metodológica. Para ello, la metodología adoptada es una investigación bibliográfica a partir de la cual analizamos las particularidades de la entrevista no sólo como técnica, sino como relación social de la que podemos recoger datos de investigación, además de abordar las necesidades de investigación en el campo de la alimentación que cubre este método.

Palabras claves: Gastronomía; Investigación; Metodología; Entrevista; Comensalidad.

INTRODUÇÃO

As relações que temos com a alimentação permeiam e são permeadas por todas as instâncias sociais (Mauss, 2003), regendo o cotidiano dos grupos sociais. Em função disso, as dificuldades de se realizar pesquisas nessa área não são poucas, já que, como salienta Goody (1995), a temática proporciona distintas abordagens para questões que, à primeira vista, parecem similares. Poulain e Proença (2003) afirmam que o estudo das práticas alimentares pode trazer problemas metodológicos relacionados às informações coletadas e aos métodos de coleta, já que a alimentação é um fenômeno múltiplo que, por esse motivo, pede pesquisas que combinem métodos e técnicas que nem sempre conversam entre si. A alimentação nos oferece então uma multiplicidade de vozes que, apesar de nem sempre serem coerentes entre si, não podem ser ignoradas, já que, como afirma Macbeth (1997), essa é a área da multidisciplinaridade por excelência, incluindo História, Antropologia, Sociologia, Educação, Saúde Pública, Nutrição, Gastronomia, Turismo, Hospitalidade e Comunicação, entre outras não menos importantes.

Como se trata de um tema cotidiano, é comum que jovens pesquisadores sejam movidos mais por curiosidade do que por interesse científico, e é necessário um esforço extra para satisfazer não apenas o interesse pessoal, mas também as exigências do campo acadêmico. Caso não tenha clareza em seus objetivos, o pesquisador pode acabar soterrado pela grande quantidade e variedade de dados que não necessariamente se relacionam ou respondem às questões que orientam a investigação.

Miller e Deustch (2009) afirmam que as entrevistas são amplamente utilizadas nos estudos da alimentação, o que se confirma na análise de trabalhos das áreas Ciências Humanas, Ciências Sociais e Sociais Aplicadas, e Multidisciplinar realizados na última década no Brasil. Ao pesquisar trabalhos dessas áreas que citam o termo “comensalidade” no resumo disponível no Banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), registro mais completo da produção acadêmica realizada nos programas de pós-graduação *stricto sensu* no país, podemos notar forte presença desse método de pesquisa: entre 2014 e 2024 foram realizadas 37 dissertações e 14 teses que incluíram o termo “comensalidade” em seus resumos, dentre as quais 29 (52,7%) afirmam usar a entrevista como técnica de coleta de dados.

Ferro e Rejowski (2020) também registram que a técnica de coleta de dados mais observada nas 61 dissertações de mestrado sobre alimentação realizadas no campo científico do Turismo, entre 2001 e 2016, foram as entrevistas, presentes em 30% dos trabalhos. Os autores lembram que muitos trabalhos não trazem informações sobre técnicas de análise dos dados, o que é verdade também para o Banco de Teses da CAPES, então o número de pesquisadores que adotam a entrevista na área pode ser ainda maior. Essa tendência à falta de clareza na metodologia adotada nas pesquisas na área é também percebida por Soares (2014), que estudou as teses e dissertações sobre comensalidade defendidas entre 1997 e 2011 no Brasil.

Como qualquer outro método, a entrevista não deve ser utilizada de maneira indiscriminada, e sim como resposta específica aos problemas impostos pelos objetivos da pesquisa a ser realizada. No entanto, isso nem sempre acontece em função do potencial ambíguo dessa escolha: Guber (2004) reconhece a entrevista como é um dos métodos mais apropriados para acessar o universo de significados dos atores sociais, mas as numerosas

informações que ela fornece não são necessariamente aquelas que respondem à pesquisa proposta, o que pode confundir o pesquisador, principalmente aquele com pouca experiência.

A fim de considerar esse método para uso em pesquisas sobre as relações que mantemos com a comida e a partir dela, o objetivo desse artigo é discutir o uso da entrevista social nas pesquisas em alimentação e comensalidade, localizando as situações em que essa é a melhor escolha metodológica. Para tanto, a metodologia adotada é uma pesquisa bibliográfica a partir da qual analisamos as particularidades da entrevista não apenas como uma técnica, mas como uma relação social a partir da qual podemos levantar dados de pesquisa (Bourdieu, 2008; Guber, 2004; Oliveira, 2006; Sanmartín Arce, 2000), além de abordarmos as necessidades de pesquisa no campo da alimentação que esse método atende (Miller e Deutsch, 2009; Poulain e Proença, 2003).

PARTICULARIDADES DA PESQUISA EM ALIMENTAÇÃO E COMENSALIDADE

Pesquisar alimentação não é uma tarefa simples. Tudo começa com a definição do termo, usado na língua portuguesa – e até mesmo em pesquisas acadêmicas – como eufemismo para culinária e gastronomia, apesar das três palavras terem definições e significados sociais diferentes. Dória (2006) define culinária como um sistema adaptativo que engloba procedimentos (modos de fazer e de interagir) que atendem às necessidades alimentares, e entende gastronomia como o discurso e a prática eruditos, públicos e urbanos que são estabelecidos em torno da culinária com o propósito de potencializar tanto a educação do paladar quanto o hedonismo. Enquanto a culinária estaria organizada no campo prático, a gastronomia seria otimizada no plano do discurso. No entanto, isso se complexifica quando o termo gastronomia é adotado pelo curso superior e adquire ambição científica (Poulain, 2012). Já a alimentação, conceito que abordamos aqui, seria a relação que temos com a comida e a partir dela (Pellerano, 2018), incluindo as vias de produção, distribuição, preparo e consumo de alimentos reconhecidos como comestíveis pelo grupo social.

Na alimentação está contida a comensalidade: o compartilhamento da tomada alimentar com uma ou mais pessoas, “um momento – um recorte temporal e espacial – e uma manifestação de um sistema alimentar” (Faltin e Gimenes-Minasse, 2019). Para Boutaud (2011) e Poulain (2004), a comensalidade é mais que a satisfação da necessidade biológica do comer, configurando-se em uma interação que contribui na criação e manutenção de atitudes, valores, opiniões e sistemas simbólicos que são compartilhados pelo grupo social que regem o sistema alimentar. Refeições consumidas em grupo podem ajudar a criar laços de parentesco artificial (Durkheim, 1996), conexão social que desconsidera a consanguinidade sem perder a força que ela traz às relações. Montanari (2008, p. 159) afirma que “a participação na mesa comum é o primeiro sinal de pertencimento ao grupo”, e Gimenes-Minasse (2017) lembra que compartilhar uma tomada alimentar, seja de maneira tradicional, presencialmente, ou de forma mediada por mídias impressa, televisiva e/ou virtual, permite a união simbólica de comensais.

Quando essas relações estão no cerne da pesquisa, há desafios específicos com os quais os pesquisadores precisam lidar, principalmente relacionados à equivalência inadequada de métodos e dados. Miller e Deutsch (2009) lembram que, por se tratar de um campo multidisciplinar, os estudos da alimentação adotam uma grande variedade de métodos e técnicas de coleta de dados pertencentes ou oriundos de diversas disciplinas. Essa se mostra

uma vantagem do campo, pela diversidade que proporciona, mas também uma desvantagem, já que métodos e técnicas de áreas e tipos diferentes não necessariamente conversam entre si. Nesse sentido, Poulain e Proença (2003) apontam três desafios principais e possíveis soluções.

O primeiro desafio apontado pelos autores seria referente à natureza dos dados. Poulain e Proença (2003) salientam que é preciso entender como diferentes tipos de dados – desde os mais objetivos, como as práticas observadas, até outros mais subjetivos, como discursos que determinam ou justificam tais comportamentos – podem ajudar a descrever e a compreender o fenômeno alimentar de maneira também diversa. Nem sempre dados obtidos a partir de métodos diferentes podem conversar entre si, então é necessário ter critérios claros antes de considerar a combinação dos dados em função do segundo desafio levantado pelos autores para a pesquisa em alimentação, que discutimos a seguir.

O próximo desafio está na diversidade dos métodos e instrumentos de coleta de dados disponíveis. Cada método possibilita o levantamento de dados específicos com mais ou menos precisão, e não necessariamente o procedimento mais popular, acessível ou aparentemente interessante será capaz de trazer as informações relevantes ao problema de pesquisa. Tomemos como exemplo o levantamento de práticas alimentares, que pode acontecer via observação direta mas também por meio da descrição fornecida pelo sujeito da pesquisa via anamnese, com a obtenção de resultados mais ou menos deformados por esquecimento, receio, pudor, etc. Isso significa que dados similares adquiridos via diferentes métodos podem gerar resultados não equivalentes.

O terceiro problema apontado por Poulain e Proença (2003) olha para as vias de entrada no espaço social alimentar, que Poulain (2004) define como a oportunidade de escolha que os seres humanos encontram entre os dois grupos condicionantes da alimentação: natureza e cultura. Comemos por necessidade, mas não comemos qualquer coisa, e as escolhas feitas nessa interseção entre natureza e cultura refletem o grupo social do qual o comensal faz parte. Tanto natureza quanto cultura oferecem certa flexibilidade, possibilitando que tanto organizações e relações sociais quanto a dependência do meio natural ganhem importância relativa, e conseguimos nos adaptar ao que está disponível e fazer negociações e trocas, gerando esse espaço de escolhas. Dependendo da via de entrada nesse espaço social alimentar, o pesquisador também encontra dados e níveis de objetividade/subjetividade diferentes.

Para solucionar esses três potenciais problemas da pesquisa em alimentação, Poulain e Proença (2003) explicitam quais são os níveis do espaço social alimentar e propõem quais métodos e instrumentos de coleta de dados são mais adequados para cada um deles. Tudo começa, obviamente, pela definição do que se quer descobrir com a pesquisa, como lembram Miller e Deutsch (2009, p. 141-142, tradução nossa):

O processo de planejar a pesquisa começa com a seleção de um problema, situação ou fenômeno a ser examinado. Depois de declarar, em forma de pergunta, o que deseja saber sobre este problema, a fase de design da pesquisa deve começar. As perguntas de pesquisa ajudarão a tomar decisões sobre como será o acesso ao campo, que tipo de método de coleta de dados será utilizado, como se fará a análise dos dados coletados e qual será o formato do relatório final. Deve-se reservar um tempo para pensar sobre todos os elementos dessas considerações e começar a esboçá-los no papel como um roteiro para o projeto de pesquisa. Este processo fornecerá a estrutura do projeto e um ponto de partida.

Apenas após esse processo é possível eleger a metodologia mais adequada à pesquisa. A proposta de Poulain e Proença (2003) permite ao pesquisador pensar as vantagens e desvantagens de cada método, bem como dos dados obtidos a partir dele, para cada via do espaço de escolha que temos na hora de comer, o que favorece escolhas metodológicas mais acertadas. A entrevista aparece como uma opção interessante na maioria dos níveis, mas não em todos, como veremos mais adiante.

DE QUE ENTREVISTA ESTAMOS FALANDO

Refletir sobre esse método de pesquisa e aplicá-lo na investigação implica sobre alimentação e comensalidade em esclarecer de que entrevista estamos falando. Para começar, uma negativa: não nos referimos, por exemplo, ao questionário, nem mesmo ao questionário por entrevista, mesmo com a coincidência do uso do termo.

Questionário é um instrumento de coleta de dados composto por uma série ordenada de perguntas fechadas – com alternativas fixas para resposta – ou abertas – que permitem ao sujeito da pesquisa responder de forma livre, usando linguagem própria (Lakatos e Marconi, 2003). Essa ferramenta pode ser auto-aplicada – ou seja, o sujeito a preenche sem a presença do pesquisador – ou por entrevista – com a presença do pesquisador.

Segundo Lakatos e Marconi (2003), o questionário respondido sem a presença do pesquisador tem vantagens, como economia de tempo, precisão e abrangência geográfica, mas também desvantagens, como baixo engajamento, incapacidade de ajudar o sujeito de pesquisa que não pôde ler ou entender as perguntas, desconhecimento a respeito do entendimento do sujeito (algo que pode comprometer a validade da resposta), desconhecimento das circunstâncias em que as perguntas foram respondidas, e impossibilidade de se prever o caminho da “conversa”, já que o sujeito pode ler todas as perguntas antes de respondê-las. Assim, o questionário auto-administrado deve ser reservado para situações em que as vantagens se sobrepõem, como pesquisas realizadas com grandes populações e discussões mais objetivas.

O questionário por entrevista é composto por um roteiro de perguntas que serão respondidas pelo sujeito de pesquisa e preenchidas pelo entrevistador. As vantagens do formato são a inclusão das pessoas que não sabem ler e a presença do entrevistador, que possibilita estabelecer uma conexão com o entrevistado (o que chamam de *rapport*), explicar os objetivos da pesquisa, esclarecer dúvidas e obter dados mais complexos. Lakatos e Marconi (2003) afirmam que o questionário deve ser limitado em extensão e em finalidade, já que pode cansar o sujeito de pesquisa, caso seja muito longo, ou não oferecer todas as informações necessárias, caso seja demasiado curto. Aí está a diferença desse formato para a entrevista.

Para Angrosino (2011, p. 62), a entrevista social é de natureza aberta, flui interativamente na conversa e acomoda digressões que podem abrir novos caminhos de pesquisa não pensados pelo pesquisador. O autor afirma que não se trata de “uma mera versão oral de um questionário”, mas de uma técnica cujo objetivo “é sondar significados, explorar nuances, capturar as áreas obscuras que podem escapar às questões de múltipla escolha que meramente se aproximam da superfície de um problema”. De acordo com Duarte (2005, p. 62), “a entrevista em profundidade pode ser definida como um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da

experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer”.

A entrevista pode ser classificada quanto à flexibilidade do roteiro, incluindo especificidade, grau de padronização do texto e ordem das perguntas feitas (Miller e Deutsch, 2009). Assim, pode ser estruturada, o que Lakatos e Marconi (2003) chamam de questionário por entrevista: é aplicado um questionário idêntico com perguntas fechadas (em que o entrevistado responde “sim”, “não” ou “não sei”), de múltipla escolha (em que se apresenta um número determinado de respostas optativas) ou abertas (em que o entrevistado responde com suas próprias palavras) (Guber, 2004). A entrevista também pode ter mais flexibilidade e ser semi-estruturada – direcionada por um roteiro previamente elaborado, geralmente composto por questões abertas – ou não-estruturada – que oferece ampla liberdade na formulação de perguntas e na intervenção da fala do entrevistado (Duarte, 2005).

Nesse trabalho, nos referimos a essas duas últimas. Segundo Miller e Deutsch (2009, p. 149, tradução nossa),

A vantagem dessas abordagens menos formais é que o entrevistado pode responder com mais profundidade e menos estrutura, permitindo ao pesquisador sondar ou fazer perguntas complementares que podem esclarecer melhor o tópico de interesse ou iluminar áreas de interesse imprevistas. Muitas vezes, algumas revelações muito interessantes acontecem quando o entrevistado pode se alongar enquanto dá a resposta.

Guber (2004) defende que a entrevista ideal deve ser resultado de uma relação socialmente determinada em que conta a reflexividade do entrevistador e do entrevistado. Isso significa que é necessário perceber o caráter provisório das ferramentas cognitivas do pesquisador (incluindo o aporte teórico) e permitir sua adaptação no momento dessa interação. Assim, uma entrevista não apenas permite que o sujeito da pesquisa traga dados de seu universo de sentido, mas também evita que o pesquisador perca de vista seu objetivo de pesquisa, o que pode trazer informações em excesso e comprometer o tempo de realização do trabalho.

Vale lembrar que a entrevista se trata de um método de coleta de dados qualitativo, e por isso não oferece uma amostra probabilística. No entanto, essa é uma das ferramentas mais aptas a revelar, graças à sua profundidade, diferentes e interessantes pontos de vista para questões analisadas na pesquisa. Para Guber (2004), as amostras não-probabilísticas também exigem do pesquisador um papel mais ativo, ponderado e reflexivo, e, por meio da relação mais profunda entre esse e seus sujeitos de pesquisa, a amostra ajuda a revelar relações presentes na sociedade maior. Miller e Deutsch (2009, p. 149, tradução nossa) reforçam que as entrevistas menos estruturadas, por exemplo, dependem “da capacidade do entrevistador de reconhecer pistas sociais, da capacidade de saber quando sondar e quando permanecer em silêncio, e da capacidade de saber quando um caminho de interesse se esgotou e é necessário mudar o tópico ou fazer perguntas complementares”.

A ENTREVISTA SOCIAL

A entrevista de que falamos é então construída a partir de uma relação social, e não de uma mera troca de informações. Mas não foi sempre assim: Guber (2004) conta que a entrevista começou a ser utilizada pelas Ciências Sociais no fim do século XIX como alternativa ao reinado

positivista das técnicas quantitativas, mas ainda seguindo um critério similar: antropólogos e sociólogos realizavam entrevistas estruturadas e acreditavam que se os entrevistados eram capazes de formular respostas, essas tinham sempre o mesmo valor. A entrevista herda dessa origem a crença em uma relação cognitiva objetiva entre pergunta e resposta.

No entanto, para saber alguma coisa, não basta perguntar. É necessário também saber ouvir a resposta e entendê-la em seu contexto. Um exemplo disso diz respeito ao local da entrevista: uma pergunta sobre assédio moral no trabalho poderá ser respondida de maneira diferente quando feita na cozinha, onde chef e colegas podem ouvir, ou em outro ambiente neutro.

A entrevista não pode ser formulada unilateralmente pelo pesquisador, porque perguntas e respostas não são blocos separados, mas partes de uma mesma reflexão que deve ser construída em conjunto. Guber (2004) afirma ser um erro de base epistemológica não perceber que no contexto da entrevista só se estabelece uma relação caso os envolvidos consigam se entender. Mesmo que pesquisador e pesquisado falem o mesmo idioma, podem estar falando de coisas diferentes sem perceber. A verbalização é um veículo desigual, principalmente entre pesquisador e pesquisado (Bourdieu, 2008; Guber, 2004; Oliveira, 2006), já que o primeiro “ocupa uma posição superior ao pesquisado na hierarquia das diferentes espécies de capital, especialmente do capital cultural”¹ (Bourdieu 2008, p. 695).

O pesquisador entra na pesquisa ocupando esse espaço de “superioridade” porque é seu o contexto interpretativo que aparece na seleção do tema a ser investigado, nos termos das perguntas e também, posteriormente, na análise dos dados. Bourdieu (2008) observa uma relação de desigualdade em que parece, à primeira vista, que o pesquisador é o maior conhecedor do assunto, quando o tema pode ser mais familiar ao entrevistado, que de fato vive a situação pesquisada. Mas a narrativa pertence ao entrevistado, e não ao entrevistador (Miller e Deutsch, 2009), ainda que às vezes há quem se esqueça disso. Essa possível confusão de papéis é fruto de uma diferença entre os tipos de conhecimento que pesquisador e pesquisado costumam ter: o primeiro pode ser versado no conhecimento teórico sobre determinada situação, enquanto o segundo domina o aspecto prático, que nem sempre é valorizado da mesma forma pela academia. Oliveira (2006) lembra que falamos diferentes idiomas culturais, e a linguagem acadêmica não só pode ser inacessível, mas também intimidar o entrevistado.

Há ainda a influência de estereótipos e preconceitos que todos nós podemos carregar sem notar. Baccega (1998, p. 8, grifo da autora) define estereotipia como o “[...] ‘processo de facilitação’, em que a escolha, a leitura, a interpretação do indivíduo/sujeito se dá, prioritariamente, a partir de dados previamente recortados e aceitos pela cultura”. De acordo com Bosi (2003), usar estereótipos é uma tentativa de facilitar a percepção da realidade por meio da transformação do comum em universal, evitando a exaustiva tarefa que seria tentar entender tudo o tempo todo. Para evitar julgamentos precipitados, o ideal é corrigir as impressões iniciais à luz de novas experiências, algo importante não apenas na entrevista, mas em todas as outras maneiras de relação social.

¹ Capital cultural é uma concepção proposta por Bourdieu (2007) que permite um novo dimensionamento de classes sociais. Para o autor, é o capital cultural que define a localização/hierarquização de indivíduos ou grupos pelo acesso que têm ao conhecimento, à cultura e à arte, entre outros campos de distinção. Quanto maior o capital cultural, maior legitimidade e distinção na batalha pela constituição de hegemonias.

Caso o pesquisador se coloque em contato com uma população cujo universo desconhece e não seja capaz de traduzir o pensamento prático do entrevistado, corre o risco de ver desconhecimento onde não existe e de incorporar as respostas a partir de seu próprio marco interpretativo, e não o daquela população que procura entender. A entrevista, nesse caso, serviria apenas para confirmar, ou refutar, aquilo que o pesquisador gostaria que fosse confirmado ou refutado.

Se preocupar com a entrevista como uma relação imersa em determinado contexto cultural marca uma diferença crucial entre uma pesquisa que quer ratificar e outra que quer descobrir. Como lembra Sanmartín Arce (2000, p. 107, tradução nossa), “perguntar é uma das saídas para a energia gerada pela diferença de potencial entre ignorância e desejo de saber e que se traduz em um primeiro questionamento de si mesmo em busca de uma resposta”. Querer descobrir é o primeiro passo para uma pesquisa de qualidade, e a entrevista não é apartada dessa realidade.

O caminho para uma boa entrevista começa com o reconhecimento de seu próprio arcabouço interpretativo sobre o que estudará e diferenciá-lo, tanto quanto possível, do arcabouço dos sujeitos da pesquisa. Estes podem não saber comentar a respeito de uma situação de seu cotidiano porque nunca precisaram falar dela antes, mas isso não significa que não a dominem. Não é necessário conseguir explicar claramente como sua família tempera o feijão para saber fazê-lo, por exemplo, e é papel do pesquisador oferecer uma escuta atenta para perceber tal diferença entre pensamento teórico e prático. Bourdieu (2008), Guber (2004) e Oliveira (2006) concordam que não basta o pesquisador agir apenas no que pode ser controlado na interação, mas este deve atentar também para a maneira de estruturar a mesma, permitindo que o entrevistado seja um interlocutor ativo. O pesquisador ajuda a criar condições para que apareça um discurso que já está lá, mas não tem a chance de ser extravasado com frequência. O entrevistado pode perceber aí uma oportunidade não apenas para se fazer ouvir, mas também para construir um ponto de vista próprio a respeito de si e de seu grupo social.

Por esse motivo, é necessário pensar em uma entrevista não diretiva, mas reflexiva. Isso deve ser resultado de uma relação socialmente determinada em que contam a reflexividade tanto do entrevistador quanto do entrevistado. Trata-se de um processo global de aprendizagem em campo, em que o entrevistador abre mão do “conforto” da entrevista estruturada e dá o controle ao entrevistado. As ferramentas de pesquisa, inclusive o roteiro de perguntas, têm caráter provisório, porque trata-se de um processo gradual de incorporação de informação em etapas sucessivas de trabalho de campo: Guber (2004) e Sanmartín Arce (2000) reforçam que não se trata de uma aplicação de um modelo de pesquisa, mas de um desenvolvimento contínuo baseado na atenção ao diálogo, que acontece quando o pesquisador consegue identificar quais respostas fundamentam suas perguntas e a que perguntas o entrevistado está respondendo implicitamente. Isso implica em um novo ritmo de encontro, novas prioridades temáticas e novas categorias sociais.

Um impedimento para alcançar todo o potencial da entrevista é, por exemplo, a pergunta auto-respondida. Questões como “você concorda que faz mal comer muito *fast food*?” pedem uma confirmação que o entrevistado pode estar ansioso por oferecer ao pesquisador, em função do *rapport* criado ou da dissimetria daquela relação: se o entrevistador, alguém estudado, da universidade, acha isso, quem é ele para discordar? Buscar entender e incorporar o vocabulário do entrevistado também pode ajudar, e a escuta ativa e atenta – no lugar daquela que julga ou planeja como partir para a próxima pergunta – é essencial para a concretização de um diálogo (Sanmartín Arce, 2000). É também necessário incentivar o

entrevistado a falar sem interrompê-lo, mas ficar em silêncio é diferente de emudecer: vale emitir sinais corporais ou verbais de atenção, interesse e aprovação para encorajar a fala. Bourdieu (2008, p. 695) recomenda “instaurar uma relação de escuta ativa e metódica, tão afastada da pura não-intervenção da entrevista não dirigida, quanto do dirigismo do questionário”.

A flexibilidade que permite ao entrevistado trazer seu próprio universo de sentido tira do pesquisador o controle da situação, e a conversa pode ir para caminhos não esperados. Isso não é necessariamente um problema. Miller e Deutsch (2009, p. 149, tradução nossa) afirmam que:

Conversas sobre comida frequentemente contêm digressões informativas que permitem que o pesquisador descubra informações adicionais sobre a importância do fenômeno alimentar sob investigação. Técnicas de entrevista menos estruturadas exigem maiores habilidades de entrevista e dependem mais da capacidade do entrevistador de fazer uma conexão pessoal com a pessoa que está sendo entrevistada, de modo que o entrevistado se sinta confortável. [...] Isso é especialmente verdadeiro ao discutir tópicos emocionalmente sensíveis, como comida.

O entrevistado às vezes traz outras questões não porque quer fugir daquelas que o pesquisador coloca, mas porque está tentando fazer sentido daquele tema, o que pode revelar coisas ainda mais valiosas para a pesquisa do que se imaginou em hipóteses iniciais. Às vezes não percebemos porque damos mais importância ao plano teórico que ao empírico, e “deixamos passar” descobertas que trazem profundidade à pesquisa.

A partir do conteúdo e do tom da conversa, Bourdieu (2008, p. 699) afirma que o pesquisador pode demonstrar entendimento do ponto de vista do entrevistado “sem fingir anular a distância social que o separa de si (diferente da visão populista que tem como ponto cego seu próprio ponto de vista)”, e assim permitir que esse “se sinta legitimado a ser o que ele é”. Em concordância com Guber (2004), o autor lembra que a fonte de informação é a relação com o entrevistado e não o entrevistado em si, e só é possível entender a diferença se soubermos ler, em suas palavras, a estrutura das relações objetivas, presentes e passadas, entre ele e seu grupo social.

Devemos então entrar na pesquisa conscientes de nosso universo cultural, mas isso não significa nem que precisamos ficar por lá, nem que podemos escapar completamente. Segundo Bourdieu (2008, p. 713),

[O pesquisador] não pode reproduzir o ponto de vista de seu objeto, e constituir-lo como tal, re-situando-o no espaço social, senão a partir deste ponto de vista muito singular (e, num sentido, muito privilegiado) onde deve se colocar para estar pronto a assumir (em pensamento) todos os pontos de vista possíveis. E é somente à medida que ele é capaz de se objetivar a si mesmo que pode, ficando no lugar que lhe é inexoravelmente destinado no mundo social, transportar-se em pensamento ao lugar onde se encontra seu objeto [...] e tomar assim seu ponto de vista, isto é, compreender que se estivesse, como se diz, no seu lugar, ele seria e pensaria, sem dúvida, como ele.

Depois que o pesquisador traça diálogos em que se mostra aberto ao universo do entrevistado, é hora de transcrever, analisar e interpretar essas informações, momento em que essa mesma disposição precisa estar em ação. Bourdieu (2008) lembra que transcrever é necessariamente reescrever, e uma transcrição muito literal pode funcionar como tradução ou até interpretação, já que uma simples pontuação comanda o sentido da frase. A análise e a

interpretação têm como objetivo organizar esses dados para que respondam ao problema de investigação, articulando teoria e o que foi encontrado em campo, e não sobrepondo o que dizem outros pesquisadores ao que afirmam os entrevistados. Dessa maneira, a entrevista permite que os leitores da pesquisa realmente tenham a oportunidade de acessar o universo pesquisado, fazendo com que todo o processo seja de fato bem sucedido.

QUANDO A ENTREVISTA CONTRIBUI PARA A PESQUISA EM ALIMENTAÇÃO E COMENSALIDADE

A fim de definir se esse é o método para a pesquisa que se deseja realizar, vale lembrar que metodologia é o caminho e o método a ser seguido na concretização da investigação, incluindo, mas não se limitando, a técnicas e procedimentos adotados para coleta de dados teóricos e empíricos (Lakatos e Marconi 2003). Isso significa que a metodologia é parte constituinte da pesquisa, e não apenas meios para se chegar a um fim. Escolher um método de pesquisa depende do que se quer descobrir ao fim da investigação, e não da familiaridade que se têm com essa ou aquela técnica ou mesmo da moda acadêmica do momento.

Miller e Deutsch (2009, p. 142, tradução nossa) afirmam que o pesquisador pode “encontrar um número aparentemente infinito de coisas que seria interessante acompanhar. Essas distrações, embora muitas vezes fascinantes e divertidas, podem afastá-lo de seu tópico principal e resultar em uma pesquisa sem foco que toma uma quantidade excessiva de seu tempo”. Para evitar se perder e acabar não cumprindo o objetivo proposto com tempo e recursos disponíveis, é preciso entender que o que se quer pesquisar é parte do caminho para definir como a investigação será realizada.

Na pesquisa sobre alimentação, Poulain e Proença (2003) propõem que se observe qual (ou quais) dos níveis do espaço social alimentar é o foco principal, para só então definir os métodos mais adequados para acessá-los. Os níveis são nove e vão do mais objetivo, como as práticas observadas – um comportamento registrado com técnicas audiovisuais, como fotografar os itens no carrinho de compras no supermercado – aos mais subjetivos, como normas e modelos coletivos. A Tabela 1, a seguir mostra a correlação traçada pelos autores:

Tabela 1. Técnicas de coletas e níveis do espaço social alimentar

Técnicas de coleta	Tipos de dados								
	Práticas observadas	Práticas objetivadas	Práticas reconstruídas	Práticas declaradas	Normas Individuais	Opiniões	Atitudes	Valores	Símbolos
Observação participante	+				+	+	+	+	+
Observação armada	+				+		+		
Questionário autoadministrado			+ -	+	+	+	+	+	+ -
Questionário por entrevista			+	+	+	+	+	+	+
Entrevista semiestruturada			+	+	+	+	+	+	+
História de vida			+ -	+	+	+	+	+	+
Tratamento de dados secundários		+		+				+	+

Fonte: Poulain & Proença (2003, p. 374).

Nota-se que a entrevista (aqui em sua versão semi-estruturada) não é adequada quando os níveis do espaço social alimentar que interessam ao pesquisador estão no extremo da objetividade – representado pelas práticas observadas e objetivadas – e é parcialmente adequada para as práticas reconstituídas. Esses níveis coincidem com as tradicionais abordagens nutricional e econômica da alimentação. Segundo Barbosa (2007, p. 88-89), “embora muito se escreva sobre alimentação, existem poucos estudos que falem sobre comida e que abordem os hábitos alimentares das sociedades nacionais contemporâneas sob uma perspectiva mais ampla e sob a ótica das populações que têm esses hábitos”. Para essas abordagens, que ainda representam uma lacuna no campo, a entrevista é recomendada por Poulain e Proença (2003).

Há então uma forte relação do método com os níveis mais subjetivos, que pedem acesso às narrativas dos sujeitos, classificadas por Martino (2010, p. 38) como essenciais ao comportamento humano:

O tempo todo, das maneiras mais diversas, estamos reconstruindo a realidade como um discurso. Essa realidade do discurso, isto é, o real transplantado para um outro nível de apropriação cognitiva, é compartilhada pela comunidade de um tempo e um espaço constituindo o tecido narrativo, simbólico e imaginário de um grupo.

São as narrativas que podem mostrar tanto como funcionam as regras muitas vezes implícitas que norteiam a alimentação quanto como as maneiras como tentativas de adaptação dessas normas à nossa realidade impactam o comensal. Miller e Deutsch (2009) lembram que o entendimento das narrativas permite o entendimento daqueles que as contam. As narrativas oferecem, então, uma janela para observar e compreender como nos relacionamos tanto com a comida – na definição do que comer, como combinar esses itens, como prepará-los e consumi-los – quanto uns com os outros.

Na proposta de Poulain e Proença (2003), os níveis do espaço social alimentar revelados de maneira adequada pelas narrativas, dispostos do menos subjetivo ao mais subjetivo, são: práticas declaradas, normas sociais, atitudes, valores, opiniões e sistemas simbólicos. As práticas declaradas são a reconstituição espontânea dos hábitos alimentares, por parte dos sujeitos da pesquisa, incentivada pelo pesquisador sem o uso de parâmetros e a partir de perguntas abertas, como “o que você comeu no sábado à noite?”. As normas sociais são os modelos de conduta adotados pelo grupo social na definição das tomadas alimentares², que podem ser identificados pelo pesquisador a partir das sanções geradas por seu não cumprimento, como a crítica a quem diz que “almoçou” uma coxinha, e não um prato com arroz e feijão. Atitudes são as predisposições dos sujeitos em relação a práticas ou objetos. Valores são representações positivas ou negativas associadas aos mesmos: pode ser uma reação negativa não verbalizada frente à pessoa que “almoçou” a coxinha supracitada. As opiniões são a verbalização dessas atitudes e valores. Já os sistemas simbólicos são conjuntos de significados atribuídos à alimentação, compartilhados socialmente, que podem ser declarados ou atuados diante do pesquisador, como o costume de sentar o convidado de honra ao lado da pessoa mais importante da família ou a declaração de que peru assado é “comida de Natal”.

² Poulain e Proença (2003) traduzem como tomada alimentar a expressão francesa *prise alimentaire*, que significa qualquer momento de consumo alimentar, seja durante ou fora das refeições. Como a refeição tem uma conotação cultural específica, o termo foi adotado para evitar uma possível conotação negativa relacionada ao comer “fora de hora”.

A entrevista faz sentido na abordagem dos níveis mais subjetivos do espaço social alimentar porque permite que o sujeito elabore e traga as narrativas nascidas coletivamente nesses espaços de escolha alimentar frente à natureza e à cultura. O pesquisador pode acessar também todo o gestual que acompanha essas falas, captando aprovação ou reprovação inerentes às informações trazidas pelo entrevistado. Como a alimentação e a comensalidade são relações sociais complexas porque são conectadas a todos os aspectos da vida social, a entrevista se apresenta como um método com potencial de abarcá-las em suas particularidades, quando a necessidade do pesquisador é mais de profundidade que de abrangência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como todas as investigações, aquelas focadas em alimentação e comensalidade apresentam especificidades que ditam potenciais caminhos que o pesquisador pode seguir para evitar tanto perder tempo e recursos quanto deixar seu objetivo à deriva. A metodologia deve ser cuidadosamente desenhada a partir de um processo que começa ainda com a definição do objetivo e precisa ser flexível para se adaptar ao que o pesquisador encontrar quando for o momento da coleta de dados.

A entrevista, como uma técnica de coleta de dados bastante popular no campo dos estudos da alimentação, não pode fugir a essa regra, e só consegue atender a necessidades específicas das pesquisas que fogem de um olhar apenas objetivo sobre o que se come. Se o interesse for em determinados níveis do espaço social alimentar – aquele que permite ao ser humano escolher em meio às condicionantes trazidas por natureza e cultura (Poulain, 2004) –, como práticas declaradas, normas sociais, atitudes, valores, opiniões e sistemas simbólicos, os níveis menos objetivos apontados por Poulain e Proença (2003), a entrevista é não apenas bem-vinda, mas essencial para se acessar a subjetividade dos sujeitos.

Mas não é qualquer entrevista que permite acessar as relações do entrevistado com o que ele decide comer ou rejeitar. Em sua versão mais estruturada e menos flexível, apesar de apresentar vantagens, a entrevista não aciona o potencial escondido das narrativas, o que reforça que uma técnica de coleta de dados deve ser escolhida por seu potencial de resposta ao objetivo proposto, e não à familiaridade que o pesquisador tem com ela ou a seu status dentro da academia.

A entrevista que faz sentido ao tipo de pesquisa abordado nesse artigo é aquela baseada em uma relação social que permite a real troca entre entrevistado e entrevistador. Com a devida preparação e atenção e, principalmente, com a experiência que se adquire no exercício da pesquisa, o pesquisador pode se beneficiar da entrevista como um método de coleta de dados adequado para pesquisas em alimentação e comensalidade, em especial aquelas focadas nas relações que o comensal desenvolve com sua comida e com os membros do grupo social com o qual compartilha essa comida ou normas e crenças a respeito dela.

REFERÊNCIAS

- ANGROSINO, M. **Etnografia e observação participante**. São Paulo: Penso, 2011.
- BACCEGA, M.A. O estereótipo e as diversidades. **Comunicação & Educação**, n.13, p.7-14. set./dez. 1998. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36820/39542>. Acesso em 26 de julho de 2024.
- BARBOSA, L. Feijão com arroz e arroz com feijão: O Brasil no prato dos brasileiros. **Horizontes Antropológicos**, ano 13, n.28, p. 87-116, jul./dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v13n28/ao5v1328.pdf>. Acesso em 26 de julho de 2024.
- BOSI, E. Entre a opinião e o estereótipo. In: Bosi, E. **O tempo vivo da memória: Ensaio de Psicologia Social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p. 113-126.
- BOURDIEU, P. **A distinção: Crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.
- BOURDIEU, P. (org.). **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- BOUTAUD, J.J. Comensalidade. In: MONTANDON, A. (org). **O livro da hospitalidade: Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas**. São Paulo: Senac, 2011, p.1213-1230.
- DÓRIA, C.A. **Estrelas no céu da boca: Escritos sobre culinária e gastronomia**. São Paulo: Senac São Paulo, 2006.
- DUARTE, J. Entrevista em profundidade. In: BARROS, A.; DUARTE, J. (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005, p.62-82.
- DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa: O sistema totêmico na Austrália**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- FALTIN, A.O. & GIMENES-MINASSE, M.H.S.G.. Comensalidade na hospitalidade e na convivialidade: um ensaio teórico. **Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade**, v.11, n.3, p.634-652, jul-set 2019. Disponível em: <http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/6340/pdf>. Acesso em 26 de julho de 2024.
- FERRO, R.C. & REJOWSKI, M. Metodologia da pesquisa em Gastronomia no campo científico do Turismo. **Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade**, v.12, n.3, p.463-483, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v12i3p463>. Acesso em 26 de julho de 2024.
- GIMENES-MINASSE, M.H.S.G. Novas configurações do comer junto – reflexões sobre a comensalidade contemporânea na cidade de São Paulo (Brasil). **Estudos Sociedade e Agricultura**, v.25, n.2, p.251-275, jun.-set. 2017. Disponível em: <https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/view/902>. Acesso em 26 de julho de 2024.
- GOODY, J. **Cocina, cuisine y classe**. Barcelona: Gedisa, 1995.
- GUBER, R. **El salvaje metropolitano: reconstrucción del conocimiento social en el trabajo de campo**. Buenos Aires: Paidós, 2004.
- LAKATOS, E. M. & MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

MACBETH, H. M. **Food preferences and taste**: continuity and change. Oxford: Berghahn, 1997.

MARTINO, L. M. S. **Comunicação & identidade**: Quem você pensa que é? São Paulo: Paulus, 2010.

MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003

MILLER, J. & DEUTSCH, J. **Food Studies**: An introduction to research methods. Nova York: Berg, 2009.

MONTANARI, M. **Comida como cultura**. São Paulo: Senac São Paulo, 2008.

OLIVEIRA, R. C. **O trabalho do antropólogo**. Brasília/São Paulo: Paralelo 15: Editora UNESP, 2006.

PELLERANO, J. A. "**A gente carrega a comida com a gente**": Consumo alimentar como processo comunicativo na convivência intercultural do trabalho. Tese (Doutorado em Comunicação e Práticas de Consumo) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo, Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), São Paulo, 2018. Disponível em: <https://tede2.espm.br/handle/tede/387>. Acesso em 26 de julho de 2024.

POULAIN, J-P. **Sociologias da alimentação**: Os comedores e o espaço social alimentar. Florianópolis: Editora da UFSC, 2004.

POULAIN, J-P. (ed.). **Dictionnaire des cultures alimentaires**. Paris: Presses Universitaires de France - PUF, 2012.

POULAIN, J-P. & PROENÇA, R. P. C. Reflexões metodológicas para o estudo das práticas alimentares. **Revista de Nutrição**, v.16, n.4, p.365-386, out./dez. 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1415-52732003000400001&script=sci_abstract&tIng=pt. Acesso em 26 de julho de 2024.

SANMARTÍN ARCE, R. La entrevista en el trabajo de campo. **Revista de Antropología Social**, n.9, p.105-126, 2000. Disponível em: <https://revistas.ucm.es/index.php/RASO/article/view/RASO0000110105A/9959>. Acesso em 26 de julho de 2024.

SOARES, F.C. **Produção científica sobre comensalidade no Brasil**: Estudo documental de teses e dissertações (1997-2011). Dissertação (Mestrado em Hospitalidade) – Programa de Pós-Graduação em Hospitalidade, Universidade Anhembi Morumbi (UAM), São Paulo, 2014. Disponível em: http://portal.anhembi.br/wp-content/uploads/dissertacoes/hospitalidade/2014/Dissertacao_Frederico_Cid_Soares.pdf. Acesso em 26 de julho de 2024.